

A MULHER E O ALCOOLISMO

Médico ararense fala do abuso de álcool

Dr. Laco diz que o público feminino que é alcoólatra de tratamento, além de menos vagas para internações

“O álcool é uma droga e é a mais perigosa que existe”, afirma o médico ararense Luiz Alberto Chaves de Oliveira, mais conhecido como dr. Laco, diretor científico do site “Você tem saída”. “As bebidas alcoólicas são parte da nossa cultura de forma milenar. A Bíblia, inclusive, traz Jesus Cristo nas bodas de Canaã, onde transforma a água em vinho. Então, o álcool em festa, alegria, comemoração, é muito presente na cultura de forma continuada e intensa. E a partir do século XIX, mais fortemente no século XX, passou a ter uma presença muito forte em todas as gerações, gêneros e idades”, diz. “E isso muito ligado à questão primeiro do marketing, da propaganda. As mulheres, principalmente na segunda metade do século XX, começaram a ganhar um destaque cada vez maior dentro da sociedade. E com esses avanços o álcool passou a entrar mais intensamente na vida delas e hoje em dia, principalmente entre as mulheres mais jovens, quase que empatando o uso com os homens. O tabaco já é mais frequente entre mulheres jovens do que entre homens jovens. Então isso é um indicativo da presença de droga no gênero e principalmente do álcool, graças a essa cultura e também da mídia, do marketing, da explosão de que o álcool só traz vantagens, só traz alegria”.

A questão não se vincula à emancipação da mulher, clarifica o médico, que é favorável à sua participação cada vez maior na política. “Acho que se tiver muita mulher na política, a política vai melhorar muito. A sensibilidade feminina, a maternidade dá à mulher uma maneira diferente de olhar as pessoas, de respeitar o ser humano, de perceber como a sociedade tem que evoluir”. Dr. Laco relata que “anos atrás, quando a gente lutava por leis mais restritivas do uso do álcool, porque as leis proporcionava-



Arquivo pessoal

Luiz Alberto Chaves de Oliveira, dr. Laco: “O que temos que alertar mais são as mulheres jovens. Elas conseguem conquistar seu lugar no mundo sem precisar de álcool, sem precisar de droga”

ram uma melhoria fantástica na questão do tabagismo. A diminuição de pontos de venda, as mensagens no cigarro, os alertas da mídia em geral sobre tabaco e saúde, principalmente o câncer, foram fundamentais para diminuir de cerca de 30% nos anos 80 o uso de tabaco entre adultos para 9, 10% hoje. E o álcool na mesma proporção. Mas eu estava dizendo, lembro de tempos atrás quando a gente brigava muito por limitações nos pontos de venda, na propaganda, nós conseguimos um grande avanço na Câmara dos Deputados e no Senado uma lei que restringia publicidade do álcool para depois das 22 horas. Acho que foi na década de 90. Contudo, na última hora, aos 45 minutos do segundo tempo, colocaram um apêndice na lei que dizia que pra efeito dessa lei considera-se bebida alcoólica aquelas com teor alcoólico superior a 11%. Quer dizer uma série de licores, principalmente cervejas e alguns vinhos, ficaram completamente fora dessa restrição maior da lei. (...) O Brasil é um exem-

plo de que o álcool começa a ser usado na infância e na adolescência, Crianças de dez, 12 anos, muitas vezes dentro do ambiente familiar já começam a consumir álcool. E isso se torna um exemplo para outras crianças que acham aquilo natural”, salientou.

Dificuldades para encontrar tratamentos adequados

“A juventude começa com seus 18 anos, que teoricamente seria a idade permitida para começar a beber, mas a mulher nessa idade hoje ela está muito mais presente nos eventos sociais, nos vários ambientes. A presença da mulher muito mais forte na sociedade faz com que as mais jovens, principalmente que estão entrando nesse mundo, busquem fazer como todo mundo e uma das coisas que todo mundo faz é usar do álcool como fonte de alegria e prazer”.

Médico pediatra, dr. Laco conta: “Enquanto pediatra nos anos 90, mesmo no início dos anos 2000, mas principalmente nos anos 90 mesmo, o que eu no-

tava era a mulher se sentindo muito culpada de ser mãe. A sobrecarga sobre a mulher era e ainda é muito grande. Então para conquistar o espaço dela no mundo universitário, de negócios, comercial, ela teve que se superar e continua tendo que se superar e pra isso o nível de exigência que se faz sobre ela é muito forte. Ao lado disso ela é cercada de muitos estigmas, muitos preconceitos. Então a mulher que é alcoólatra, que tem a doença do alcoolismo, ela tem mais dificuldade para achar tratamento, tem menos dispositivos de tratamento para a mulher, tem mais vaga para homem do que para mulher, por exemplo, em internações e mesmo em ambulatorios. E além de ter menos vagas, a mulher tem que fazer tudo meio que escondido para defender a integridade dela como ser cidadão. O que se exige da mulher e os estigmas que ainda carregam sobre ela tornam tudo muito difícil para ela”.

No mundo do trabalho não é diferente, acentua o médico. “A exigência que re-

cai sobre a mulher também faz com que muitas vezes ela busque alternativas de alívio das tensões, do estresse. E o álcool no início de uso dá esse alívio. Soma tudo isso, você vê que o mundo feminino tem muito mais dificuldade de lidar com a questão álcool, abuso do álcool e conseqüentemente alcoolismo. Além disso, queria destacar que não é o uso do álcool pela mulher, mais a mulher é alvo de violência hoje, a pauta feminicídio, eu falaria sobre a violência doméstica, temos várias estatísticas mostrando que a violência doméstica álcool relacionada é muito intensa. Posso dizer que 50% da violência doméstica é álcool relacionada. E esse álcool consumido na família, principalmente pelo homem, acaba afetando a mulher direta ou indiretamente. Acho que o tema maior das manifestações no 8 de março foi a violência contra a mulher e tem muito de álcool relacionado nisso. É mais uma correlação da mulher com a bebida alcoólica”.

Preconceito e violência

“Um homem para alcançar uma determinada situação tem uma demanda de esforço e julgamento seguramente muito menor que tem uma mulher. (...) A estrada é muito mais pavimentada, é muito mais simples e isso tem relação com toda essa questão da exigência e conseqüentemente do estresse, da ansiedade, da depressão que a mulher busca um alívio no álcool, não sabendo que na verdade aquele álcool que lhe dá alívio num primeiro momento vai cobrar lá na frente, porque o abuso do álcool e o alcoolismo demandam maior chance de depressão, ansiedade e perda cognitiva exatamente sobre as mulheres”.

Dr. Laco também explica que “a mulher tem os efeitos do álcool mais intensos e mais rápidos do que o homem. Ela tem menos água corpórea e mais tecido

sobre o crescimento entre as mulheres

encontra muita dificuldade para achar dispositivos ou em ambulatórios e buscar seu direito como cidadão

adiposo. Isso faz com que a metabolização do álcool seja diferente na mulher, além do que tem uma enzima, proteína que facilita o funcionamento de equações dentro do nosso organismo. Tem uma enzima que participa da metabolização do álcool, chamada de álcool desidrogenase. A forma do álcool desidrogenase na mulher funciona pior que no homem e por tudo isso o corpo da mulher acaba sendo mais sensível do que o corpo do homem. Por exemplo, a chance de cirrose hepática, uma das doenças graves derivadas do abuso do álcool, é duas vezes maior entre as mulheres do que entre os homens. O risco de depressão, de ansiedade, de perda cognitiva precoce é também mais intenso entre as mulheres do que entre os homens. E o câncer de mama é bastante influenciado pelo álcool e estão descobrindo

muito mais correlações do álcool e câncer". O médico salienta que "hoje se sabe com certeza que nenhuma dose de álcool é saudável quer para o homem quer para a mulher. O álcool é uma substância química sempre danosa. Embora facilite o convívio social, o álcool é uma droga neurodepressora, é sempre um neurodepressor. Então, por que ele dá alegria? Porque ele deprime primeiro os neurônios depressores. Ele tira a depressão. Ao tirá-la ele libera a espontaneidade, a alegria, a comunicação, o riso fácil. Depois a depressão vem pior".

Dr. Laco enfatiza que "o álcool é prejudicial em qualquer situação e na gravidez é mais prejudicial ainda, porque afeta diretamente o feto. E o feto sob influência do álcool ingerido pela mãe de uma forma abusiva provoca a síndrome alcoólica fetal, que muitas vezes

é mortal. A criança já nasce com baixo peso, nasce com mais chances de doenças e malformações e quando nasce tem um problema neurológico forte que é a síndrome de abstinência. Já tratei de muitos bebês com convulsões por falta de álcool. A gente tinha que dar tratamento como se fosse uma abstinência de álcool no adulto e com graves consequências desse período inicial de vida herdado do álcool ingerido pela mãe".

Estatísticas favoráveis

"Uma boa notícia é que as estatísticas mostram que o consumo de álcool no Brasil diminuiu. Então o número de pessoas que consomem álcool hoje no Brasil é muito menor do que há dez, 20 anos atrás. Acho que tudo que a gente tem feito de propaganda, publicidade, alertando para os riscos das bebidas alcoólicas, tem

tido um efeito. Hoje temos, a última estatística, 63% da população brasileira não bebeu. Dez, 15 anos atrás esse número era próximo de 50%. O avanço é grande, é significativo".

Preconceito e vergonha inibem a mulher de procurar ajuda?

"Estão entre os fatores que inibem. Além de ter menos chances de ter ajuda, ela é impedida pela vergonha, pelo peso que a sociedade impõe sobre o comportamento feminino. É mais um ônus de ser mulher. Infelizmente ainda acontece isso na nossa sociedade e nas de maior idade a coisa é muito mais complicada. E esse julgamento é da família. A família que facilita o uso de bebida alcoólica, que deixa crianças e adolescentes beberem e até se embriagarem, perdoa, considera um arroubo de juventude mui-

tas vezes, essa mesma família mais tarde vai julgar severamente e principalmente se for mulher. Realmente é um peso maior".

Mensagem final

"Minha mensagem vai para os homens. Homem, pense muito na sua misoginia, no seu machismo, em como você olha, encara a mulher e como você quer de verdade, lá no íntimo, que aconteça, mas a cultura está te impedindo de ser mais real, mais honesto. Todos nós temos a presença forte e importante da mulher na nossa vida. Então, homens, vamos olhar a mulher com mais amor, com mais carinho, mais atenção, com mais valorização".

Para conhecer melhor o trabalho do dr. Laco, basta acessar o site <https://www.vocetemsaida.com.br>. Confira também a íntegra de sua entrevista em youtu.be/CtRZjVKV07k.

MARÇO LILÁS

Cerca de 20 mulheres morrem por dia no Brasil em decorrência do câncer de colo do útero

Neste mês, o "Março Lilás", os olhares se voltam para a prevenção do câncer do colo do útero, terceiro tipo que mais mata mulheres no Brasil, depois do de mama e do reto e cólon. Em 2024, cerca de 20 brasileiras morreram por dia por conta da doença. Ainda segundo o Instituto Nacional do Câncer, 7.493 mortes foram registradas em 2024, ano da última contagem anual consolidada. Um aumento de 11,84% em relação a 2021. Nordeste e Norte lideram o número de casos. No ano passado até agosto, último mês com dados fechados, a doença já tinha feito mais de 4 mil vítimas.

Investir na prevenção e no tratamento precoce é fundamental, segundo os médicos. A vacina contra o vírus HPV, sexualmente



Divulgação

Oncologista afirma que estratégia da Organização Mundial da Saúde pode erradicar diagnósticos da doença

transmissível, é uma das formas mais eficazes de prevenir o câncer do colo do útero, reduzindo a incidência da doença em até 58% e está disponível na rede pública de saúde para meninas e meninos dos

nove aos 14 anos. Exames de rotina para as mulheres como o Papanicolau ajudam na detecção precoce, aumentando as chances de cura. No Brasil, dados preliminares de 2025 mostram que a vacinação atin-

giu 86% entre as meninas e 74,4% entre os meninos.

O oncologista Abraão Dornellas, em entrevista para o Jornal da Tarde da TV Cultura, enfatizou: "A estratégia da Organização Mundial de Saúde diz que

90% das meninas e meninos precisam ser vacinados contra o HPV, 70% dessas pacientes precisam ser rastreadas para câncer de colo de útero e 70% dessas mulheres precisam ser tratadas para câncer de colo de útero. Se isso for feito de maneira sistemática, a Organização Mundial da Saúde acredita que será possível a erradicação de diagnóstico do câncer de colo do útero no mundo".

Mulheres que já passaram pelo problema, inclusive quando estavam grávidas, têm uma mensagem para quem enfrenta a doença: "Tenham confiança, não fujam do tratamento. Muitas ficam com medo, acabam tendo dúvidas. Mas tudo é uma fase, a medicina está muito evoluída e todas devem ter força que vai passar e vai dar tudo certo".